

Panasonic DMR-EH55

Introdução e Descrição

Hoje estão criadas as condições para duas grandes ondas de consumo: a substituição de gravadores VHS por gravadores digitais, e a substituição de televisores CRT por televisores de LCD ou de plasma. A Panasonic tem produtos bem posicionados para ambos os mercados, sendo este artigo sobre o DMR-EH55, um gravador de vídeo digital, em suportes de disco óptico e de disco rígido (interno, 160 GB).

Embora Portugal seja ignorado em www.panasonic-europe.com, a Panasonic sempre me pareceu apreciada entre nós. Olhando para os meus próprios electrodomésticos fossilizados, identifico a câmara de filmar Panasonic MC-5 e um gravador VHS, da década de 1990, ainda operacionais. Talvez por causa das boas recordações que tenho desses equipamentos, hoje conoto a marca como especialista em hardware para imagem.

O DMR-EH55 é esguio, com um desenho que torna *muito* difícil descobrir onde fica a gaveta para os discos ópticos. O painel de comandos, em vez de achatado, é reclinado, concentrando quase todos os botões do lado direito. Estão expostas teclas para play, stop, record, open/close e selecção do suporte de gravação (DVD ou HD = hard disk = disco rígido interno). Ah, e a gaveta «escondida», em vez de central, conforme eventualmente as imagens sugerem, fica à esquerda.

Algumas das tecnologias suportadas pelo Panasonic, vêem os seus logotipos exibidos. Entre essas tecnologias está o sistema Guide Plus+, que facilita a gravação programada de conteúdos televisivos, mas que não é suportado por nenhuma emissora ou distribuidora de sinal, em Portugal. O Guide Plus+ só deverá ser útil na sintonia em Espanha, Áustria, Bélgica, França, Itália, Holanda, e Suíça.

De referir que, no caso de conteúdos com protecção contra gravações abusivas, o registo, em disco óptico, de material que só autorize uma gravação, tem que ser feito em discos DVD-RAM compatíveis com CPRM (Content Protection for Recordable Media).

Um disco CPRM, incluindo discos rígidos, tem um identificador rigorosamente único, com o qual assina todas as gravações e assim permite controlar as cópias, entre dispositivos CPRM.

Os outros tipos de discos ópticos suportados (DVD-R, DVD-R DL, DVD-RW, DVD+R, DVD+R DL e DVD+RW) não permitem registos CPRM.

Como seria de esperar, os discos -R gravam vídeo no formato DVD-Vídeo; e os discos +R gravam vídeo no formato +VR. Quando finalizados, todos estes discos serão identificados como DVD-Vídeo.

Em relação aos discos de dupla camada (DL = Double Layer), cautela porque não é possível utilizá-los para gravações directas: tipicamente só servirão para receberem conteúdos presentes no disco rígido.

No capítulo da leitura/reprodução, este Panasonic é impressionante, principalmente porque suporta conteúdos DivX, MP3, JPG e TIFF, em DVD-R. Infelizmente, a generalidade das máquinas procura a estrutura de ficheiros de um DVD-Video, quando se insere um disco DVD-R e, se não encontrá-la, não faz play dos ficheiros presentes. Isto NÃO se passa com o EH55, o que é muito agradável e abre os horizontes de utilização.

Quanto aos ficheiros com vídeo DivX, é preciso o utilizador compreender que há potencial para incompatibilidades, principalmente no domínio do áudio. Um filme DivX com áudio MP3 não deverá ser problema, mas outras combinações exóticas (OGG, FLAC, APE...) não resultam.

Também são suportados discos (S)VCD (Video-CD), DVD-A (DVD-Áudio) e CD-A (CD-Áudio).

Este Panasonic suporta cartões SD até 2 GB de capacidade.

Para além do sintonizador analógico integrado e das ligações atrás, é possível ligar uma fonte de sinal pela frente do aparelho, através das fichas AV3, ocultas por uma tampinha rebatível. As fichas que tampa protege são uma entrada digital DV (DVD-in) e entradas analógicas para vídeo composto/s-vídeo e áudio estéreo.

Na parte de trás, estão disponíveis as tomadas para cabo coaxial (RF OUT e RF IN), uma saída de vídeo analógico por componentes, duas fichas SCART (uma para TV, outra para a interface com um decodificador externo), uma entrada AV-IN (vídeo composto, s-vídeo, áudio estéreo) e uma saída equivalente.

Está disponível uma saída óptica, para áudio digital.

Assim, embora estas características todas talvez sugiram um equipamento complexo, na prática é mesmo trivial operar o Panasonic DMR-EH55.

Sendo pragmático, um utilizador português só tem que começar por saber utilizar duas teclas do telecomando: «Direct Navigator» e «Functions».

A primeira permite navegar pelos programas que estejam no suporte de memória seleccionado; isto é, a maior parte do tempo, permitirá navegar pelos conteúdos no HD interno. A navegação visual pelos conteúdos, cuja primeira frame lhes dá rosto, pode fazer-se por teclas cursoras no controlo remoto. Para cada conteúdo está disponível um sub-menú que permite operações menos vulgares, como a edição de propriedades, incluindo o nome ao ficheiro.

A tecla «Functions» só deverá ser requisitada rara e episodicamente: ela serve para ajustar opções de natureza pouco dinâmica, como sintonizar canais, referir que tipo de televisor está ligado ao aparelho, ou qual a linguagem dos menús...

Configurado o aparelho, para gravar programas, basta ao utilizador conhecer as teclas de «REC MODE» e de «REC». A primeira determina a qualidade da gravação; a segunda dá início à gravação. A gravação pode ser agendada manualmente (automaticamente, se disponível o sistema Guide Plus+) e é

possível ver um programa previamente gravado, estando uma gravação em curso.

Bem e a qualidade dos resultados?

Opinião

No fundo, estamos perante um gravador MPEG2. A violência da compressão MPEG2 determina os resultados: quanto mais tempo for objectivo gravar por unidade de informação, piores serão os resultados.

Os modos de gravação possíveis são: XP, SP, LP, EP e FR.

XP consome 4.7 GB por cada 1 hora.

SP consome metade de XP; isto é, 4.7 GB por cada 2 horas.

LP consome metade de SP; ou seja, 4.7 GB por cada 4 horas.

EP consome metade de LP; ou seja, 4.7 GB por cada 8 horas – este modo não é recomendado quando se pretende a compatibilidade máxima com outros leitores.

O modo FR é muito interessante, porque basicamente consiste em pedir à máquina que grave com «a melhor qualidade possível, para o espaço de dados disponível», sendo impecável para quando se está a registar directamente num disco óptico e (1) ou não há tempo para fazer as contas e calcular o modo mais coerente com o espaço que sobra no DVD, ou (2) não é possível antecipar a duração do programa, mas sabe-se que o espaço disponível pode ser limitante.

Uma chamada de atenção em relação a suportes DL (Double Layer / Dupla Camada): uma gravação não pode, graciosamente, continuar de uma camada para a outra; por outras palavras, não é possível ter um capítulo de qualidade XP com duas horas de duração, num DVD DL.

As qualidades XP e SP são virtualmente indistinguíveis da original, para a generalidade dos conteúdos. A diferença entre XP e SP só será «fácil» de detectar, com material cheio de movimentos e muito colorido, como corridas de automóveis (Nascar, F1). Com séries de animação (South Park, Futurama...) a regularidade da cor e a pontualidade dos movimentos não deverão constituir desafio que permita a distinção fácil das gravações. Com filmes que recorram a barras para preservar a relação comprimento:altura da imagem, as barras funcionam como facilitadoras da codificação MPEG2, porque correspondem a regiões de complexidade nula, pelos que os resultados XP e SP tendem a ser muito bons e muito próximos. Talvez projectando a imagem em telas de grande diagonal se torne mais fácil apontar o dedo a defeitos da gravação. A existirem, os problemas mais prováveis são o «efeito mosquito» (fronteiras imprecisas entre objectos) e blocos cromáticos em cenas pouco luminosas ou de cores muito uniformes.

A qualidade LP, embora já denuncie artefactos digitais, parece-me a mais sensata para as gravações MPEG2. Não só não apresenta problemas de

compatibilidade, como representa uma tremenda economia, relativamente aos modos SP e XP, com uma penalização de qualidade «aceitável»: notam-se «quadrados» nos movimentos mais agressivos e a suavidade das transições de cor fica abaixo do potencial do EH55, mas nada de chocante e de comprometedor do prazer na revisita ao conteúdo.

A qualidade EP é mesmo económica, com um consumo na ordem dos 500 MB / hora. Mas MPEG2 não é MPEG4, ou posterior, e nota-se bem a diferença para os modos de qualidade acima. Ainda assim, para programação como desenhos animados simples e entrevistas (em que importa mais o áudio do que o vídeo), merece uma hipótese e não a rejeição preconceituosa.

Enquanto leitor, o Panasonic DMR-EH55 foi competente, sem incompatibilidades detectadas.

Enquanto sintonizador de CATV, a mudança de canal não é instantânea... mas o problema mais substancial, talvez seja, para este equipamento e para todos os seus semelhantes, a tendência para a extinção das emissões analógicas...

Resumo

O Panasonic DMR-EH55 é um gravador de vídeo digital, em disco rígido interno de 160 GB e em praticamente todo o tipo de discos ópticos, incluindo DVD-RAM com CPRM.

Este aparelho é muito fácil de utilizar, anormalmente versátil enquanto leitor, e excelente enquanto gravador.